

Bracher reafirma: não haverá acordo com FMI

ELIANE GAMAL
Especial para O Estado

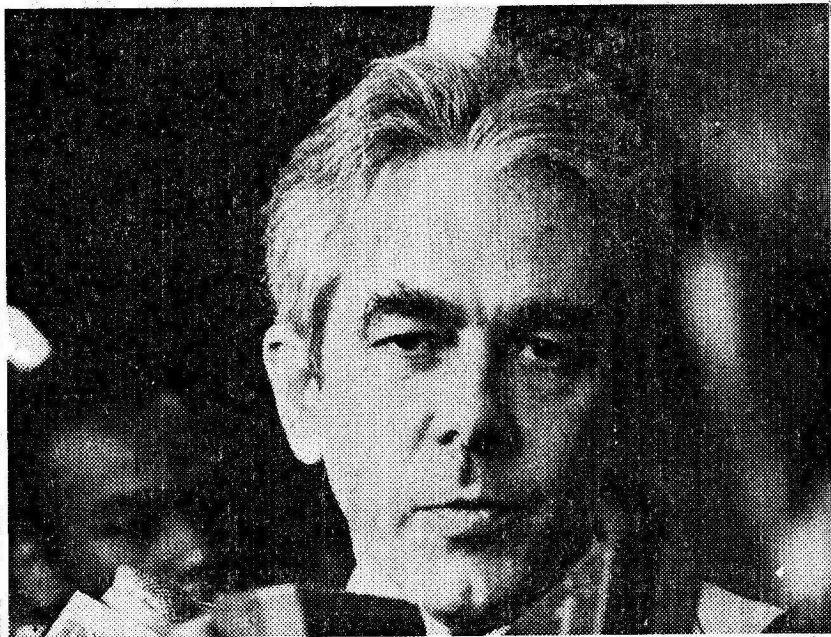
NOVA YORK — Apesar de não ter nenhuma proposta formalizada, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, disse ontem aos banqueiros do comitê assessor da dívida externa brasileira que o Brasil quer chegar a entendimentos com seus credores, mas não fará nenhum acordo com o Fundo Monetário Internacional.

O presidente do Banco Central fez uma exposição da atual situação interna e externa do País, enfatizando que o Brasil atravessa a melhor fase dos últimos quatro anos, porque apresenta uma economia crescente, tem reservas cambiais da ordem de US\$ 8 bilhões e está com seu mercado financeiro saneado.

Além disso Bracher — que esteve reunido com o comitê assessor desde as duas horas da tarde — informou aos credores que o Brasil está atingindo as metas externas, obteve um superávit de US\$ 12 bilhões e está conseguindo cumprir pontualmente todos os seus compromissos. Para complementar este quadro, o presidente do Banco Central lembrou que já foi aprovado pelo Congresso o novo pacote fiscal, cujas medidas ajudarão a reduzir o déficit interno do País.

Com isso, a reunião de ontem serviu principalmente para os banqueiros tomarem conhecimento do atual desempenho da nossa economia e se motivarem a prorrogar o acordo da fase 2 da dívida externa, cuja expiração será no próximo dia 17 de janeiro. Quanto a isso, Bracher acredita que não haverá maiores problemas, porque ambos os lados — governo brasileiro e credores — estão preparados para um acordo.

Mesmo assim, o Brasil não foi ontem para a mesa de negociações



Arquivo

“O Brasil atravessa a melhor fase dos últimos quatro anos”

com uma proposta mais concreta. Ou seja, Bracher pediu um acordo plurianual, de um a cinco anos, mas não apresentou, por exemplo, um número exato do **spread** que o Brasil gostaria de pagar. Bracher disse, antes da reunião, que iria propor uma taxa de risco mais baixa, mas deu a entender que o governo ainda não tem um número exato ou então está aguardando a palavra dos credores para fazer uma contraproposta.

Por outro lado, Bracher garantiu aos credores que o Brasil não necessitará de dinheiro novo para 1986 — sendo inclusive esta mais uma razão para não ser necessário um acordo com o FMI. Em relação a isso, Bracher explicou que durante sua visita a Washington, na segunda-feira, nada foi proposto ao FMI. “Fizemos

apenas uma tradução do pacote econômico anunciado pelo presidente José Sarney.”

Ainda no encontro de ontem, o presidente do Banco Central comunicou aos banqueiros que o Brasil pretende pagar mais 25% da dívida externa do Comind e Auxiliar, mas não garantiu que os outros 50% serão saldados. Mesmo assim, o presidente do Banco Central não acredita que haverá pressões maiores em relação aos projetos 3 e 4 por causa da questão dos dois bancos recém-liquidados.

Provavelmente hoje Bracher volta a conversar com o comitê assessor da dívida externa, sendo possível o anúncio de novas resoluções, já que o presidente do Banco Central planeja retornar ainda esta noite ao Brasil.